

A MISSÃO DO BRASIL COMO PATRIA DO EVANGELHO



Célia Urquiza de Sá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

A MISSÃO DO BRASIL COMO PATRIA DO EVANGELHO

(À luz da obra "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", de autoria de Francisco Cândido Xavier, pelo espírito Humberto de Campos.)

FEDERAÇÃO ESPÍRITA PARAIBANA

A missão do Brasil como Pátria do Evangelho.

Por Célia Urquiza de Sá

João Pessoa - Paraíba

2001

copyright by Célia Urquiza de Sá, 2001

Melcíades José de Brito

Editoração: Gráfica a Editora Persona Ltda.

133.9 Urquiza, Célia

U 79r A missão do Brasil como Pátria do Evangelho / Célia Urquiza.- João

Pessoa: FEPB,

2001.

78p:

1. DOCTRINA ESPÍRITA. 2. ESPIRITISMO. 3. CRÍTICA. I. Título.

O produto desta obra é destinado ao Fundo Espírita da Paraíba.

A Missão do Brasil como Pátria do Evangelho.

DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado á memória dos meus pais a do meu esposo Albérico Queiroga de Sá, a aos meus filhos: Alexandre, Albérico Júnior, José Hermano, Liana, Paulo Romero e João Ricardo, pedaços da minha alma, razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS.

Meus sinceros agradecimentos a:

Deus, Nosso Pai, pelas oportunidades tão amorosamente oferecidas;

Jesus, nosso Irmão Maior, pelos ensinamentos ministrados;

Espírito Humberto de Campos, que nos fez sentir a responsabilidade da

missão de filhos da Pátria do Evangelho;
o Irmão Chico Xavier, pela sua vida de dedicação e amor à Doutrina Espírita;
Irmãos espirituais, que muito me ajudaram com suas inspirações;
Todos que direta ou indiretamente me deram a sua contribuição.
A Missão do Brasil como Pátria do Evangelho.

SUMÁRIO.

Chico Xavier: o homem e o médium	13	
I. Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho		23
II. Descobrimento da Terra de Vera Cruz	33	
III. A Escravidão no Brasil	37	
IV. Inconfidência Mineira	43	
VI. O Movimento Abolicionista	49	
VII. O Século XIX	53	
VIII. Federação Espírita Brasileira	67	
IX. Considerações Finais	71	

A MISSÃO DO BRASIL COMO PÁTRIA DO EVANGELHO.

APRESENTAÇÃO.

A presente obra tem por objetivo fazer um estudo do livro: Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, do autor espiritual Humberto de Campos, psicografado por Francisco Cândido Xavier. O texto busca levar o leitor a refletir sobre as indagações que nos trazem a referida obra:

Somos a pátria do evangelho? Por que? o que significam estas palavras? O que elas nos dizem? Será que isso quer dizer que somos um povo evangelizado? Será que vivenciamos o evangelho? O que é vivenciar o evangelho? Responder a estas indagações é o que se propõe o presente estudo. Sendo a obra em referência, uma psicografia do médium Francisco Cândido Xavier, nada melhor para comprovar a sua seriedade e credibilidade, que o texto apresentado a seguir.

A autora.

CHICO XAVIER:

O Homem e o Médium.

Nascido em 2 de abril de 1910, órfão desde os quatro anos, esse mineiro de Pedro Leopoldo sofreu muito. Sua madrasta o maltratava, enquanto sua mãe aparecia para consolá-lo. Sem compreender bem o que se passava, Chico pedia

socorro à genitora que o animava a prosseguir e prometia ajudá-lo. Ao chegar aos vinte e dois anos, mais ou menos, chega ao ápice a sua mediunidade, o que permite aos espíritos escreverem por suas mãos e transmitir idéias que demonstrem a continuidade da vida e a individualidade do espírito imortal. Em 1932, inaugura a longa série de obras psicografadas, que já ultrapassam quatrocentas, com um livro de poesias, "Parnaso de Além Túmulo". Nele, poetas brasileiros e estrangeiros ditam seus poemas, com fidelidade de estilos, o que permite identificá-los independentemente da assinatura.

A obra provocou impacto na comunidade literária da época, que a desdenhou. Ao vê-la definida como burla ou mistificação, os mais lúcidos concluíram que, ou se aceitava o fenômeno mediúnico ou se daria uma cadeira na Academia Brasileira de Letras ao jovem Francisco Cândido Xavier, porque ele ou era médium ou era gênio. Chico nunca mais parou de escrever. E nunca vulgarizou a mediunidade nem a colocou a serviço de informações convenientes para si ou para terceiros. Segue fiel aos orientadores espirituais. Quando passou a receber mensagem de Humberto de Campos, o repórter do além, viu-se envolvido em processo que contra ele moveu a família do morto. Alegava uso indevido do nome do ilustre escritor e reivindicava direitos autorais sobre as obras escritas por Chico e assinadas por Humberto. Nos tribunais, o médium teve ganho de causa. Direitos autorais somente se paga aos vivos.

A viúva de Humberto de Campos, anonimamente, visita o Centro Espírita onde Chico Xavier recebia mensagens do além, para observar o que ali se passava. Nesse ínterim, Chico já havia trocado a assinatura do espírito para Irmão X, já que durante a encarnação houve coleções onde assinou Conselheiro X. Ninguém a conhecia. Mas, de repente, Chico Xavier a convida para que se aproxime, e diz-lhe que seu marido estava presente e mandava um recado. Corada e duvidando, a senhora se aproxima. O médium lhe fala sobre uma carta que ela trazia na bolsa e cita textos que o espírito lhe soprava. Emocionada, a senhora converteu-se ela e toda a família, ao Espiritismo.

Conhecido também é o episódio da revista "O Cruzeiro"; líder na época, quando jornalistas visitaram o médium (sem se identificarem), tentando criar situações que o levassem ao ridículo. Ao chegar em suas casas, um dos repórteres David Nasser, conhecido também como compositor de músicas populares famosas, abriu o livro ofertado por Chico e ali estava a dedicatória dizendo: "Ao amigo David Nasser"... Este imediatamente telefonou ao parceiro dizendo-lhe "prometo nunca mais mexer com essas coisas de Espiritismo." Perguntado sobre o episódio, Chico sempre os desculpou, alegando que eles faziam o trabalho que lhes competia. Ele, Chico, é que teria sido ingênuo, talvez vaidoso pela reportagem.

Infinitas são as mensagens que esse homem recebe do além há mais de setenta anos, tendo consolado e convertido à fé espírita, milhares de pais inconformados com a perda de seus jovens herdeiros. Nessas mensagens, Chico cita apelidos, tratamentos íntimos, o que evidencia a realidade da comunicação, já

que por mais que alguém preparasse a cena para que ele a descrevesse, seria impossível tamanha fidelidade. Pessoas que chegam à Uberaba anonimamente, e são tratados por nome. Jocosamente ou não, quem sabe, Chico diz que todos nós temos o nome na testa. Por isso ele o faz com a maior naturalidade.

Se a mediunidade de Chico Xavier é algo extraordinário, maior ainda é a sua dignidade. Um médium que teve aceita como prova em um tribunal mensagem mediúnica de um morto que inocentou o amigo acusado de assassinato, dando detalhes do ocorrido, dizendo da acidentalidade e da amizade que entre eles existia, é alguém de muita credibilidade. E o juiz foi de muita convicção e coragem.

Combatido por padres, pastores e até por segmentos espíritas, por ciúmes e inveja, ele não se preocupa em rebater as ofensas. Segue no seu caminho de amor ao semelhante, independente do que o outro lhe faça: bem ou mal. Chico Xavier já recebeu, como gratidão de pessoas que se sentiram beneficiadas pelo consolo ofertado por ele, carros, fazendas e outros bens, mas apressou-se em passar adiante, para quem desse bom proveito. Os direitos autorais de suas mais de quatrocentas obras, muitas delas vertidas para diferentes idiomas, e não apenas os conhecidos latinos e saxônios, são todos doados em favor da caridade. Continua vivendo pobremente, enquanto alguns escritores brasileiros de conteúdo banal, quando comparados ao dele, estão milionários e têm patrimônios com luxuosas vivendas no exterior.

Se Francisco Cândido Xavier não é realmente um médium, mas apenas um noveleiro de idéias avançadas, por que não desfruta esse dom, vendendo o que produz? Quando usaram seus livros como enredo de novelas, até jornais americanos o acusaram de estar enriquecendo às custas dos fantasmas. Mas ele não está rico. Continua pobre, simples e doente. Poderia ter recorrido aos melhores médicos e hospitais do mundo para controlar ou debelar suas enfermidades. No entanto, nunca o fez. Quando foi examinado pela NASA, foi para medir sua aura. Constatou-se que a emanação de luz que no homem normal é de centímetros, no Chico vai a dez metros. Isso não dá para burlar. Como explicar livros como "A Caminho da Luz" ou "Evolução em Dois Mundos"; totalmente científicos, escritos por um jovem de curso secundário, ex-funcionário público do governo de Minas Gerais! Como duvidar que ali quem fala é o espírito e Chico limita-se a escrever o que as entidades ditam! Se Chico Xavier não é um médium, mas um mistificador, que tudo tira do inconsciente, como afirmam certos parapsicólogos, é seguramente um ingênuo e tolo. Dedicar-se a essa obra sem tirar proveito financeiro não é próprio de alguém que tenha vocação para a maroteira.

Em nosso livro "Modo de Ver, dizemos que ele vive na pobreza, quando podia ser milionário; na modéstia, envolvido pelos ingredientes que fazem os orgulhosos; doando-se, quando tinha tudo para exigir o serviço do semelhante. Esqueceu de si mesmo num mundo onde cada um quer ser o mais importante. Foi bajulado e não se deixou lambuzar pelo mel da lisonja. Um dia a história lhe fará

justiça, porque ele não é patrimônio dos espíritas, mas um benfeitor de toda a humanidade. Aliás, se bem observarmos, a história já o notou quando o cadastrou como o "Mineiro do Século"; num Estado que deu Juscelino Kubitschek de Oliveira, Edson Arantes do Nascimento (Pelé), Tancredo de Almeida Neves, Alberto Santos Dumont, Carlos Drummond de Andrade, entre inúmeros outros homens ilustres. Ele não foi escolhido apenas por espíritas, pois estes ainda são a minoria no Brasil e no Mundo.

Tolos, ingênuos, de pouca sensa são aqueles que duvidam da mediunidade do extraordinário serviço de amor ao próximo que fez, faz e continua fazendo este notável homem Francisco Cândido Xavier. Fechados nos seus pequenos mundos, não têm sensibilidade para compreender a base do Evangelho de Jesus: "Ama o próximo como a ti mesmo. "

Deus o abençoe e obrigado, amigo Chico Xavier.

Octávio Caúmo Serrano

PREFACIO

ESTUDO OPORTUNO E DE ALTO NÍVEL

Acabo de ler o texto em que Célia Urquiza faz uma análise em profundidade do livro BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PÁTRIA DO EVANGELHO, do Espírito Humberto de Campos, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier. Como enfatizou ela, no início de seu trabalho, trata-se de um estudo, cujo objetivo foi apresentar uma leitura do livro acima referido. Célia Urquiza soube estruturar o seu texto em nível de tese de Mestrado, a que não faltaram espírito crítico, argumentação lúcida e exegese segura na apreciação da obra. E vem a grande indagação: o Brasil é mesmo o coração do mundo e a pátria do Evangelho? A Espiritualidade Maior teve participação direta nos acontecimentos históricos do nosso país, desde o seu descobrimento até a Independência? Jesus esteve presente a esses significativos eventos? Não seria um privilégio a escolha do Brasil como a nova seara, onde a árvore do Evangelho encontrara terreno fértil? A escravidão imposta aos africanos, arrancados à força de suas terras para trabalharem em nossas lavouras teria sido um fato isolado, sem nenhum comprometimento com o passado? Não estaria aí funcionando a lei de causa e efeito? A autora do texto responde a essas indagações com muita lucidez dentro dos ensinamentos da Doutrina Espírita. Usando uma linguagem clara e simples. Célia Urquiza aborda com muito equilíbrio o tema proposto pelo livro de Humberto de Campos. O grande personagem de nossa história, o infante D. Henrique, a quem se diz ser a encarnação de Helil e que andou dialogando com Jesus a propósito da nossa formação histórica, foi bem ressaltado pela autora do texto. Mas o Brasil é mesmo a pátria do Evangelho? Persiste a pergunta. Os

fatos e as circunstâncias comprovam essa assertiva. O Brasil, cuja configuração geográfica tem a forma de um coração, é habitado por um povo tradicionalmente de índole pacífica. Aqui nunca assistimos a guerras de conquista. A nossa formação étnica deveu-se à miscigenação de três raças: o branco, o negro e o índio. Enquanto no resto do continente houve fragmentação, o nosso país manteve sua integridade territorial.

Portugal, um país pequeno e desarmado, soube defender nosso território das invasões de países muito melhor armados, a exemplo da França e da Holanda. Como explicar o "milagre"? O nosso próprio chão jamais se rebelou. Não temos, aqui, maremotos nem terremotos. Todos esses argumentos foram bem aduzidos por Célia Urquiza. Tiradentes, o mártir da Independência, teria sido um inquisidor em vidas passadas? Mas o seu trabalho não se limita ao texto do livro. Ela ampliou o seu estudo, traçando uma panorâmica do movimento espírita no mundo, desde o fenômeno mediúnicico das Irmãs Fox, passando por Kardec e desembocando na Bahia, berço da nossa nacionalidade e onde surgiu o primeiro centro espírita e o primeiro jornal anunciador da nova e consoladora Doutrina, importada da França. A Bahia de todos os santos se transformou, assim na Bahia de todos os credos religiosos. Célia Urquiza não se esqueceu da Federação Espírita Brasileira, a Casa Mãe do Espiritismo, que com o seu REFORMADOR, órgão da instituição, vem divulgando a Doutrina Consoladora, sem esquecer a sua editora, a quem devemos a multiplicação de livros, em sua maioria psicografados pelo lápis humilde de Francisco Cândido Xavier.

Repetindo: o Brasil é a pátria do Evangelho? A autora do texto responde sem tergiversar: o nosso país ainda não é a Pátria do Evangelho. Tal resposta não discrepa da afirmação de Humberto de Campos. Um dia, o nosso país será um modelo de espiritualização, no mundo. Como diz o poeta paraibano Eudes Barros, num inspirado poema, Jesus aqui será crucificado numa cruz de estrelas. Vale a pena encerrar nosso comentário com esta significativa frase de Célia Urquiza: "Fazemos parte de um concerto onde cada nação é uma nota na Sinfonia Divina." Uma visão cósmica e holística da vida.

Carlos Romero

A MISSÃO DO BRASIL COMO PÁTRIA DO EVANGELHO.

CAPÍTULO I - BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PÁTRIA DO EVANGELHO.

O Espírito Humberto de Campos, no seu livro psicografado por Chico Xavier e que tem como título estas palavras: "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", nos afirma que Jesus transportou a árvore do Evangelho, da Palestina para o Brasil. Por que Jesus fez isso? Terá sido privilégio nosso? O que fizemos para merecê-lo? Se não foi privilégio, o que aconteceu, para que essa árvore plantada inicialmente na Palestina, não permanecesse lá, e viesse para cá?

Esta afirmação do autor espiritual, nos leva a uma série de indagações. Façamos um estudo sobre elas. É possível que as respostas surjam no decorrer do mesmo.

Todos nós sabemos que Jesus é o Espírito a quem foram confiados os destinos do nosso Planeta. É aquele que foi por Deus enviado, com a missão de ser o Pastor das ovelhas aqui existentes; e como Pastor desse rebanho, Ele nos conduz, cuidando para que nenhuma se perca. Foi para isso, então, que Ele veio um dia à Terra, assumiu um corpo semelhante ao nosso; conviveu conosco, tornando-se visível e tangível. A sua vinda foi em cumprimento à sua missão. Veio nos apontar o caminho que devemos trilhar, para que um dia, ao devolver esse rebanho ao Pai, Ele possa dizer que das ovelhas que lhe foram confiadas, nenhuma se perdeu.

Inicialmente, foi a Palestina, a Terra escolhida para espalhar a semente do seu Evangelho. Mas, grande número dos que ali habitavam, estavam dominados pelo orgulho, pela ambição, pela sede de poder e grandezas, a ponto de não o aceitarem como o Messias Prometido, só por não ter nascido no seio da nobreza. Ele se apresentou ao Mundo, como filho de um humilde carpinteiro. Ali, as suas lições tiveram pouco eco. Poucos o ouviram e poucos O seguiram. Então, Ele escolheu outra Terra, para novamente semear o Seu Evangelho. Não havendo eco na Palestina, Jesus escolheu o Brasil para porta-voz das Suas lições.

Fomos nós os escolhidos, mas, não por privilégio. Por missão. Foi-nos confiada a tarefa de aprender, vivenciar, e espalhar os seus ensinamentos. Então, repetiu-se no Brasil, o que aconteceu na Palestina, quando se aproximou o momento da Sua vinda. Houve naquela ocasião, todo um preparo, para o bom êxito do Seu nascimento, da Sua permanência ali, naquela época. Uma série de cuidados foi tomada. Uma grande equipe espiritual, justamente aquela que mais diretamente executa as Suas ordens, cuidou para que tudo acontecesse na forma mais perfeita. Sob a inspiração dos espíritos superiores, os profetas anunciaram; os precursores prepararam os caminhos e tudo foi cuidadosamente planejado e executado. No Brasil, aconteceu o mesmo. Verificando o nosso Mestre que havia chegado a época para transplantar a sua árvore, tendo já escolhido a Terra que iria recebê-la, mais uma vez uma grande equipe espiritual foi convocada. Não se tem conhecimento, mas, é possível que tenha sido a mesma que tudo fez na Palestina; e tomou todos os cuidados para que novamente, tudo saísse a contento. Essa equipe cuidou da nossa Terra a partir da forma geográfica, semelhante a um coração; cuidou também da sua estrutura. Aqui, não temos as grandes catástrofes, tais como: terremotos, vulcões, maremotos, furacões, ciclones. Isso foi privilégio nosso? Não, pois Deus não privilegia ninguém. Em nenhum ponto merecemos mais que os nossos irmãos de outras Terras que sofrem essas calamidades.

Tudo isso foi porque esta Terra se transformaria mais tarde na Pátria do Evangelho e como tal, faziam-se necessários todos esses cuidados, para que o seu povo, não estando às voltas com as grandes catástrofes, pudesse se dedicar mais à árvore que para cá seria transportada. Cuidou também da formação do nosso povo. Não viemos de um povo orgulhoso, prepotente, elitizado. Somos o resultado da união de três raças sofridas. Somos a miscigenação do branco

injustiçado, muitos dos portugueses que para cá vieram, banidos do seu país, eram inocentes, não mereciam aquela punição; do negro escravizado e do índio, ser em primário estágio evolutivo. Somos o resultado da união dessas três raças e de cada uma delas temos características. Do branco injustiçado temos a inquietação diante da injustiça; do negro escravizado temos a submissão, a aceitação da dor, do sofrimento; e do índio temos a indomabilidade.

Por que tudo isso? A resposta é muito simples. Porque nada ensina mais a amar e a perdoar, do que a dor e o sofrimento. Também porque, só nascendo dessa simplicidade é que o povo brasileiro poderia ser o que é: sentimental, solidário, amigo, como nenhum outro no mundo. Na Palestina, Jesus iniciou, a Sua vida pública, com o "Sermão da Montanha", dizendo: "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados; (...) Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados; (...) Bem-aventurados os puros de coração, por que verão a Deus". (Kardec - 1992)

O branco inocente, banido injustamente do seu país, e o negro arrancado à força do seu berço, representam os que choram e os que têm fome e sede de justiça; o índio representa os puros de coração. Somos o resultado da união dos injustiçados, dos que choram e dos puros de coração. No Brasil, Jesus nos apresentou também o "Sermão da Montanha", o Seu grandioso e mais belo sermão através da formação do nosso povo, mostrando dessa forma que estava, realmente, replantando a árvore do Seu Evangelho. Humberto de Campos no seu livro, nos faz um relato do nascimento do Brasil. Não um relato histórico. Ele apresenta o aspecto espiritual desse fato. Ele fala das providências tomadas, desde muito antes da viagem de Cabral e, à medida que mostra o trabalho e o cuidado dos Espíritos que acompanharam e participaram de cada episódio, nos esclarece também sobre a missão evangélica do Brasil. O seu relato é muito cheio de beleza e poesia. Em muitas ocasiões, ele nos mostra o diálogo de Jesus, no mundo espiritual, com os Seus mensageiros, à medida que vai traçando planos e tomando decisões, quanto ao nosso destino de filhos da Pátria do Evangelho. Logo no início, ele nos conta que Jesus, numa das suas visitas espirituais a este Planeta, encaminhou-se ao continente que seria mais tarde o mundo americano, e quando contemplou as maravilhas dessa terra onde resplandece o cruzeiro do sul, e que seria o Brasil, erguendo as mãos para o Alto, invoca a bênção do Pai, e dirigindo-se a um dos Seus mensageiros, exclama: -Para esta terra maravilhosa e bendita, será transplantada a árvore do Meu Evangelho de piedade e de amor, (...) e Tu Helil, te corporificarás na Terra, no seio do povo mais pobre e mais trabalhador do Ocidente; instituirás um roteiro de coragem, para que sejam transpostas as imensidades desses oceanos perigosos e solitários, que separam o Velho do Novo Mundo (...)

Aqui, Helil, sob a luz misericordiosa das estrelas da cruz, ficará localizado o coração do mundo". (Xavier, 1996 p23e24) Algum tempo depois, no ano de 1394, como filho de D. João I e D. Filipa de Lencastre, reencarna em solo português, Helil, que ficará conhecido na História Universal como o heróico Infante de Sagres; aquele que foi o grande responsável pelos descobrimentos portugueses. Quando o Rei D. João I subiu ao trono, Portugal estava numa situação econômica desesperadora. Todo o poder econômico estava de posse da Igreja e o Rei não

podia desenvolver o País. Então, para de alguma forma alterar a situação, sem entrar em conflito com o poder religioso, nomeou os seus filhos, responsáveis por cada Ordem Religiosa, e foi assim, que o Infante D. Henrique foi nomeado o Grão Mestre da Ordem de Cristo. Essa Ordem era secular e muito rica, tanto em dinheiro, como em informações históricas, e isso levou o Infante de Sagres a tomar conhecimento de antigos manuscritos, ali guardados, que falavam de outros povos e as rotas dos povos antigos.

Os recursos ali existentes, que não eram poucos, pois era uma das Ordens mais ricas do País, o Infante utilizou na construção de navios, na contratação de astrônomos, matemáticos, engenheiros navais e outros homens de saber, para dar início ao seu grande sonho que era, como ele próprio dizia: "levar o mundo a navegar por mares nunca dantes navegados". Hoje, sabemos ter sido esta a sua missão. Foi dessa forma que se iniciaram os descobrimentos. Foi assim que o nosso Helil, o nosso Infante de Sagres cumpriu a sua missão. "Os descobrimentos brotaram da sua vontade, quando os contemporâneos o remordiam de censuras por este afinco nas pesquisas do Atlântico. Triunfou. E se Portugal varou de pasmo a Europa, ganhando as honras de nação benemérita dos povos modernos, os primeiros e os mais decisivos impulsos eram do Infante Dom Henrique". (Bérni, p. 60) Humberto de Campos na sua obra, informa que o Infante D. Henrique, por várias vezes deixou transparecer que tinha a certeza da existência de terras, ainda desconhecidas. Era como se ele fosse às vezes, assaltado por lembranças que lhe davam essa segurança.

Hoje sabemos que essas lembranças vinham do fato dele já ter estado aqui, antes deste seu reencarne, e foi na nossa Terra, ainda desconhecida, que ele recebeu do Mestre a missão que soube tão bem desempenhar. Uma prova disso é que um mapa traçado em 1448, por André de Bianco, mencionava uma região fronteira à África. Não era, portanto, desconhecida dos navegadores portugueses a existência dessas terras.

Desencarnando em 1460, D. Henrique de Sagres volta à Pátria Espiritual e, no além, o mensageiro do Mestre continua a trabalhar na causa do Evangelho. Por inspiração sua, diversas expedições são organizadas, e sob a sua influência é descoberta a Costa de Angola; mais tarde, Vasco da Gama descobre o caminho marítimo das Índias, e algum tempo depois, Gaspar de Corte Real descobre o Canadá. Todos os navegadores saem de Lisboa com instruções secretas quanto à terra desconhecida.

Percebe-se claramente a preocupação do autor espiritual em nos chamar a atenção para vários pontos importantes. São eles: Os planejamentos da Espiritualidade Superior; O infante D. Henrique, encarnação do Espírito Helil, foi um emissário de Jesus. Como Espírito de elevada hierarquia, permaneceu adstrito ao cumprimento da tarefa que lhe fora atribuída. D. Henrique, instituiu um roteiro de coragem, para que fossem transpostas as imensidades perigosas e solitárias que separavam os dois mundos. Por predestinação de Jesus, o nosso Brasil é o Coração do Mundo e Pátria do Evangelho, com a árdua, mas nobre tarefa de espalhar, principalmente com o exemplo, a mensagem do Cristo. (Bérni, op. cit. p 68) que: A preocupação do autor espiritual era nos mostrar que nada aconteceu

por acaso. Tudo foi fruto de um cuidadoso planejamento; o Infante D. Henrique, encarnação do espírito Helil, foi um emissário de Jesus, como também não deixa nenhuma dúvida quanto à sua missão; a sua afirmação de que Helil é um Espírito de elevada hierarquia, é a confirmação do que foi dito por Zurara, navegador e historiador português, quando em uma de suas crônicas, retrata o Infante de Sagres como "um homem de extraordinárias virtudes. Nunca foi avarento, nem era dado ao luxo. Usava gestos calmos e palavras suaves. Sempre foi muito dedicado ao trabalho. Não era rude, mas sabia manter a disciplina. Absteve-se de álcool desde a mocidade".

Ainda temos: "O terceiro filho de Dom João 1 e de Dona Filipa (...) poderia viajar de Corte para Corte como o irmão Dom Pedro, mas recusou todas as ofertas da Inglaterra, da Itália e da Alemanha, e escolheu a vida de um estudioso e de um homem de mar, retirando-se cada vez mais do mundo conhecido para descobrir o desconhecido". (Beazley, 1945, p. 135).

Era como se ele estivesse a todo momento dizendo ao mundo que sabia qual a sua missão e tinha pressa em cumpri-la. Ao escolher o Brasil para transplantar a árvore do Evangelho, Jesus nos deu a missão de transmitir ao mundo a Sua mensagem; mas com a Sua conduta, vivenciando tudo aquilo que ensinava, mostrou também como Ele deseja que essa missão seja cumprida: com o exemplo.

CAPÍTULO II - DESCOBRIMENTO DA TERRA DE VERA CRUZ

No dia 9 de março de 1500, partindo do rio Tejo, fez-se ao mar a grande esquadra de Cabral, com destino às Índias. A frota era constituída de treze navios, algumas caravelas e duas embarcações, conduzindo a bordo cerca de 1.200 participantes. Já em alto mar, Cabral pensa no seu desejo de alcançar a terra desconhecida do hemisfério sul, criando assim a sintonia necessária com os planos do mundo invisível. Henrique de Sagres aproveita essa oportunidade, e, sob a sua influência, as noites de Cabral são repletas de sonhos reveladores e, sob o impulso de uma orientação imperceptível, as caravelas abandonam o caminho das Índias.

Há em todos uma angustiosa expectativa, mas a assistência espiritual lhes traz ânimo e esperança. Algum tempo depois, notam-se nas ondas folhas, flores e perfumes. Eram os primeiros sinais de terra próxima. Horas depois, Cabral e sua gente são recebidos como irmãos, na praia extensa e acolhedora, pelos habitantes dessa Terra. Estava descoberta a Terra que seria um dia o Coração do Mundo, Pátria do Evangelho.

Continuando o seu relato, o espírito Humberto de Campos nos fala de acontecimentos completamente ignorados pela história humana. Conta-nos que, enquanto Cabral adentrava à terra descoberta, conhecendo a sua gente, as suas riquezas, no Mundo espiritual reinava uma alegria intensa em todos aqueles que participaram do advento da Pátria do Evangelho.

Dias após, o Mestre Jesus fazendo-se presente à uma das assembléias espirituais, dirigindo-se a outro dos Seus elevados mensageiros, falou com doçura: - "Ismael, doravante sejas o zelador dos patrimônios imortais que constituem a Terra do Cruzeiro. Recebe-a nos teus braços de trabalhador devotado da minha seara, como a recebi no coração, obedecendo a sagradas inspirações do Nosso Pai (...) Para aí transplantei a árvore da minha misericórdia e espero que a cultives com a tua abnegação e com o teu sublimado heroísmo..." (Xavier Francisco Cândido, op. cit.1996) Ismael é um nome bastante conhecido no mundo espírita. Ele é o Guia Espiritual do Brasil, e conforme afirma Humberto de Campos, essa missão ele a recebeu diretamente de Jesus. O seu lema é: "DEUS, CRISTO E CARIDADE".

Conta ainda o autor espiritual que, nesse mesmo instante, a frota de Cabral abandona as águas da Baía de Porto Seguro, continuando a sua viagem, e na praia, choram desesperadamente, dois dos vinte párias sociais condenados ao exílio. Enquanto os homens do mar se afastavam levando amostras das riquezas encontradas na nova terra, os dois infelizes se lastimavam sem consolo e sem esperança. De repente, um dos condenados avança para uma frágil embarcação indígena, que nenhuma proteção oferecia, e se faz ao mar. "Seus olhos inchados do pranto, contemplam as duas imensidades, a do céu e a do mar, e esperando na morte o socorro bondoso, exclama: -"Jesus, tende piedade! Sou inocente, Senhor, e padeço a tirania da injustiça dos homens. Enviai a morte ao meu espírito." (Xavier, Francisco Cândido, op. cit. 1996, p 39) Nesse instante, sente que uma luz estranha lhe nasce no íntimo, e uma esperança se apossa de sua alma, e como por milagre, a frágil e rústica embarcação, que sob o seu impulso, momentos antes, navegava rumo ao infinito, inesperadamente passa a navegar em sentido contrário, regressando celeremente à praia distante. O furor das ondas não foi suficiente para arrebatá-la. Uma força misteriosa a conduz em segurança à terra firme. Afirma-nos o autor espiritual que, salvando esse nosso irmão infeliz, desesperado, buscando a morte, Ismael realiza o seu primeiro trabalho nas Terras do Cruzeiro, em favor daqueles que acabara de receber sob a sua proteção. Esses nossos irmãos, que para cá vieram banidos injustamente do seu país, eram inocentes naquela existência.

Porém, por culpas do passado mereciam o castigo que receberam. Se eles cumpriram o seu resgate, vivendo as experiências da humilhação, da dificuldade, da opressão e da dor, com certeza foi porque foi nesse ponto que eles infringiram a Lei Divina. É a Lei do Retorno, a Lei de Causa e Efeito. É o conhecimento dos atributos divinos que nos dá esta certeza. Deus é a Justiça Infinita, e nessa condição, toda ofensa à Sua Lei é merecedora de resgate.

Capítulo III - A ESCRAVIDÃO NO BRASIL.

Durante três longos séculos, o Brasil viveu a página negra da escravidão. É comum se atribuir esse acontecimento lamentável ao fator econômico. Acreditam que só a necessidade de braços para a lavoura foi a responsável pela vinda do negro africano para o Brasil. Realmente, o braço cativo foi o propulsor da

economia brasileira e também de outros países. Mas, não podemos esquecer que a ação espiritual, mesmo respeitando o livre arbítrio, está sempre presente em cada momento da nossa existência.

O Espírito Humberto de Campos, no seu livro, nos fala de um encontro de Ismael com o Divino Cordeiro, onde o nosso querido mensageiro e protetor expõe a sua tristeza diante dos quadros de sofrimento e dor presenciados na nova Terra. A civilização que ali se inicia, com um objetivo tão grandioso, deixa-se contaminar por exemplos lamentáveis apresentados em outras terras, e aderindo ao tráfico de escravos, faz-se ao mar e vai buscar nas terras longínquas da Luanda, da Guiné e de Angola, negros indefesos. Arranca-os da sua pátria, transporta-os como verdadeiros animais e, aqui chegando, vende-os como "peças" contadas, tributadas, sem nenhum respeito à sua condição humana. O Divino Mestre, então lhe responde brandamente: " - Ismael, asserena teu mundo íntimo nos sagrados deveres que te foram confiados. Bem sabes que os homens têm responsabilidade pelos seus atos. (...) Não podemos tolher-lhes a liberdade, mas também não devem esquecer que cada qual receberá de acordo com os seus atos. Havia eu determinado que a Terra do Cruzeiro se povoasse de raças humildes do Planeta, buscando-se a colaboração dos povos sofredores das regiões africanas. (...) Para isso aproximei Portugal daquelas raças sofredoras, sem violência de qualquer natureza.

A colaboração africana deveria, pois, verificar-se sem abalos, sem sofrimentos, conforme as minhas amorosas determinações. O homem branco da Europa, porém, desejando entregar-se ao prazer fictício dos sentidos, procura eximir-se do trabalho pesado da agricultura, (...). Eles terão a liberdade de humilhar os seus irmãos, em face do livre arbítrio, (...) mas, os que praticarem o nefando comércio sofrerão também o mesmo martírio. (Xavier, Francisco Cândido, op. cit pp. 50-51) Vemos aqui, que a vinda do negro africano para o Brasil fazia parte dos planos traçados para a nossa Terra, mas tudo deveria acontecer sem violência. A crueldade com que eles foram arrancados da sua pátria e o tratamento monstruoso que aqui receberam, sendo escravizados e torturados, foram conseqüência da ambição, do abuso do poder e da falta de conhecimento de que somos todos filhos do mesmo Pai, logo somos irmãos; somos iguais. Esses nossos irmãos africanos, vindos para o Brasil, eram entidades sofredoras que, em outras existências, evoluíram apenas pela ciência. Evoluíram só intelectualmente, mas eram pobres de humildade e de amor. Através da Lei de Reencarnação, renasceram nas Terras da África e, de lá, vieram para o árduo trabalho na Terra do Cruzeiro. Foram eles que abriram caminhos na terra virgem, sustentando nos ombros feridos o peso de todos os trabalhos, conquistando assim o sentimento de humildade e amor que lhes faltava.

Conforme Berni (1994), Emmanuel, em sua cartilha "Pensamento e Vida", assim nos esclarece.: " - Já se disse que duas asas conduziram o espírito dos humanos à presença de Deus. Uma chama-se amor, a outra, Sabedoria. Através do amor, valorizamo-nos para a vida. Através da sabedoria, somos pela vida valorizados. Daí o imperativo de marcharem juntas a inteligência e a bondade".

Os filhos da África foram humilhados e torturados na Terra que seria um dia a Pátria do Evangelho; mas com seu sacrifício, e com as suas lágrimas (que também tinham uma razão, pois não se paga sem dever), tornaram-se instrumentos do Mestre Jesus, na obra em prol do Evangelho, pois, com o seu trabalho, constituíram-se num dos baluartes da nacionalidade em todos os tempos e, enquanto isso, reabilitavam-se com a Lei Divina que foi por eles um dia infringida.

Diz ainda o Mestre Jesus a Ismael: " Infelizmente Portugal, que representa um agrupamento de espíritos trabalhadores e dedicados (...) não soube receber as facilidades que a misericórdia do Supremo Senhor do Universo lhe outorgou nestes últimos anos (...).Na velha península já não existe o povo mais pobre e laborioso da Europa. O luxo das conquistas lhe amoleceu as fibras criadoras (...) não nos é possível cercear o livre arbítrio das almas, poderemos mudar o curso dos acontecimentos, a fim de que o povo lusitano aprenda, na dor e na miséria, as lições sagradas da experiência e da vida. (Xavier, Francisco Cândido,1996, p 52 - 53)

Na formação da Pátria do Evangelho, o homem branco, com sua independência e sua ambição, alterou os fatores; no entanto, Jesus alterou os acontecimentos. É a História que nos conta o que aconteceu mais adiante.

Os donatários sofreram os mais tristes reveses no solo brasileiro: Os índios Tupinambás e Tupiniquins (...) que, com expressões de fraternidade, receberam Cabral quando aqui aportou pela primeira vez, reagiram contra os colonizadores e travaram-se lutas cruentas.

A luxuosa expedição de João de Barros que saiu de Lisboa com intenção de conquistar o ouro dos Incas, dispersou-se no mar, sofrendo os seus componentes infinitos martírios. Os tesouros das Índias levam o povo português à decadência e à miséria.

A Casa de Avis, sob cujo reinado se iniciou o tráfico hediondo dos homens livres, desaparece para sempre e por fim, Portugal entrega-se ao domínio Espanhol. (Xavier, Francisco Cândido, 1996 p.53 - 54). Estas informações nos levam a supor que nada disso teria acontecido se os colonizadores tivessem agido de modo diferente. Ninguém foge à Lei de Causa e Efeito.

Apesar de tão doloroso capítulo na nossa história, a escravidão obedeceu rigorosamente ao critério da Lei de Causa e Efeito. Há, porém, um ponto a observar: mesmo sendo uma página triste e vergonhosa na nossa história, é forçoso reconhecer que a escravidão no Brasil não trouxe aos negros apenas sofrimentos. Tiveram um final feliz. A vida dos negros regulariza-se, a saúde se refaz trazendo-lhes a alegria de viver e muitos deles são gratos aos novos senhores, que eram melhores que os da África e os do mar.

Em Bérna, Duílio Lena, na obra "Brasil, Mais Além", encontramos: "Não é nosso intento fazer apologia da escravidão, cujos terrores principalmente macularam o homem branco e sobre ele recaíram. Mas a escravidão no Brasil foi para os negros a reabilitação deles próprios e trouxe para a descendência deles uma pátria, a paz e a liberdade e outros bens que pais e filhos jamais lograriam gozar, ou sequer entrever no seio bárbaro da África". (op. cit. p. 108) "Na Pátria do Evangelho, têm eles sido estadistas, médicos, artistas, poetas e escritores (...) em nenhuma outra parte do planeta alcançaram ainda a elevada e justa posição que lhes compete, como acontece no Brasil." (op. cit. p. 117).

Foi com essa tarefa expiatória, sofrendo os mais extraordinários sacrifícios, que cumpriram o seu resgate. E mais tarde, no Quilombo dos Palmares, deram-nos o exemplo de resistência e perseverança, onde por mais de setenta anos lutaram com heroísmo, defendendo o território por eles conquistado.

CAPÍTULO IV - INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Estamos no reinado de D. Maria I, a Piedosa, a qual, escravizada ao seu fanatismo religioso e às opiniões dos seus confessores, fazia Portugal caminhar para a ruína e a decadência. Era muito preocupante a situação do Brasil. A capitania de Minas Gerais era, na época, a maior fonte de riquezas da Colônia, com as suas minas de ouro e diamantes, o que a tornava o alvo dos ambiciosos. Todos queriam se apossar das suas riquezas. Os padres queriam o ouro para as suas Igrejas suntuosas. Os magistrados queriam a todo custo enriquecer antes de voltar para Portugal; e os agentes do fisco cumpriam rigorosamente as ordens da corte de Lisboa, que era naquela época uma fonte onde os parasitas da nobreza iam sugar pensões extraordinárias e fabulosas.

Anuncia-se a "derrama"; isto é, cobrança atrasada do imposto do ouro. Em Minas, os brasileiros consideram a gravidade da situação e, achando que o Brasil já tem condições de reger seus próprios destinos, começam a traçar os planos da libertação. Reúnem-se, em Vila Rica, vários nomes já muito conhecidos.: Inácio Alvarenga, Joaquim José da Silva Xavier – O Tiradentes - Cláudio Manoel da Costa, Tomaz Gonzaga e outros. As primeiras providências consistiam em infiltrar as idéias de liberdade nas outras Capitânicas. Procuram então os nossos irmãos de Pernambuco e de São Paulo, e pedem também o apoio do embaixador da América do Norte em Paris. Mas, nem o embaixador em Paris nem as Capitânicas de Pernambuco e São Paulo se interessaram pela idéia. É nesse momento que surge a figura de Joaquim Silvério dos Reis, o qual leva todo o plano ao Visconde de Barbacena, português que, naquela época, ocupava o cargo de Governador de Minas Gerais. Querendo fazer morrer as idéias de liberdade, na sua fonte, o Governador manda imediatamente prender Tiradentes, que se achava no Rio de Janeiro, e também os elementos da conspiração em Vila Rica. Todos são condenados à morte, porém, mais tarde, D. Maria I muda as penas de morte em degredo perpétuo, com exceção de Tiradentes que teria de morrer na forca e seu corpo esquartejado e exposto em praça pública. Conta-nos Humberto de Campos que o mártir da Inconfidência, num gesto de heroísmo, sente uma alegria sincera pela expiação cruel que só a ele fora reservada e entrega o espírito a Deus no dia

21 de abril de 1792 e que, imediatamente após a execução, no momento exato do seu desencarne, Ismael o recebe carinhosamente, dizendo-lhe: " - Irmão querido, resgatas hoje os delitos que cometestes quando, no passado, fostes um cruel inquisidor. (...) Regozija-te pelo desfecho dos teus sonhos de liberdade. (...). Se o Brasil se aproxima da maioridade como nação, ao influxo do amor divino, será o próprio Portugal quem virá trazer até ele os elementos da sua emancipação política, sem ser às custas do derramamento do sangue fraterno". (Xavier, Francisco Cândido, 1996 p.122) A seguir, foi ele transportado por espíritos superiores que não lhe permitiram assistir à cena do esquartejamento. Daí a alguns dias, a rainha d. Maria I enlouquecia, ferida pelo remorso. Ela havia sido uma rainha muito cruel. Com muita freqüência e tranqüilidade, assinou várias sentenças de morte.

Daí por diante, os brasileiros não têm outro pensamento a não ser a Independência, mas o predomínio dos portugueses, desde a Bahia até o Amazonas, representava sério obstáculo. Os mensageiros de Ismael se multiplicavam em todos os setores visando conciliar a todos, com a finalidade de preservar a unidade territorial do Brasil. A equipe espiritual se reúne no Colégio de Piratininga, sob a direção de Ismael.

Ali se encontram heróis das lutas maranhenses e pernambucanas, mineiros e paulistas. Nessa ocasião, Ismael dirige a todos a sua palavra cheia de ponderação e ensinamento, e encerra a sua alocução, dirigindo-se a Tiradentes, dizendo: " - O nosso irmão martirizado há alguns anos pela grande causa , acompanhará D. Pedro em seu regresso ao Rio e, ainda na terra generosa de São Paulo, auxiliará o seu coração no grito supremo da liberdade". (Xavier, Francisco Cândido, 1996 p.158). Conforme a promessa de Ismael a Tiradentes no momento supremo do seu sacrifício, alcançamos a Independência, sem o derramamento de sangue. Bastou um grito às margens do Ipiranga: "INDEPENDÊNCIA OU MORTE". Tivemos a Independência, mas não tivemos a morte. Informa-nos ainda o autor espiritual que, quando D. Pedro dava o grito que nos tornava uma nação livre, não suspeitava que naquele momento ele era um dócil instrumento de um emissário invisível, que velava pela grandeza da nossa pátria: o nosso mártir e herói TIRADENTES.

CAPÍTULO VI - O MOVIMENTO ABOLICIONISTA

Em todas as outras nações do continente americano, a escravidão já havia sido abolida. Só nós os brasileiros ainda não havíamos arrancado esta página negra da nossa história. Os primeiros passos já haviam sido dados: "A Lei do Ventre Livre e a Lei dos Sexagenários". D. Pedro II acompanhou com muito agrado as deliberações de sua filha, na extinção gradual do cativeiro, mediante processos pacíficos. As equipes espirituais de Ismael contavam com colaboradores devotados no Brasil: Castro Alves, Rio Branco, Luís Gama, José do Patrocínio e outros, além da Princesa Isabel, é claro, que viera ao mundo com a sua tarefa definida no trabalho abençoado da abolição. Foi assim que, sob a influência dos mentores espirituais da Pátria, no dia 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel recebe dos abolicionistas a proposta de lei para a imediata

extinção do cativo no Brasil, a que foi por ela sancionada sem nenhuma hesitação. Estava acabada a escravidão na Pátria do Evangelho. Pela grande lição que encerra, merece anexar a este estudo a mensagem psicofônica transmitida em: (XAVIER, Francisco Cândido. s/d. p. 53).

Bem mais tarde, em 13 de maio de 1954, o nosso querido médium Chico Xavier recebe uma comunicação psicofônica de uma entidade que se identificou apenas com duas letras "J.P.", contando que, numa ocasião em que participou de uma reunião na Câmara de Vereadores, reagiu colérico às propostas abolicionistas apresentadas naquela ocasião. Chegando em casa, veio a saber que o inspirador daquelas propostas foi um seu escravo de nome Ricardo, muito inteligente, culto, falava fluentemente o francês, e que era por ele tratado com muita deferência, até mesmo com estima. A sua revolta o fez punir cruelmente o escravo. Diz ele na sua mensagem: "Reuni minha gente para as pancadas - triste é recordá-las! - dilaceraram-lhe o dorso nu, sob meus olhos impassíveis. O sacrifício prosseguiu com o esmagamento dos pés e das mãos". Falou então do remorso que o consumia cruelmente, após o seu desencarne e que lhe doíam muito mais do que os açoites que o escravo Ricardo recebeu no seu dorso.

Continuando, ele diz o que lhe aconteceu no mundo espiritual, em meio ao sofrimento que o angustiava . " Em dado momento, ouço uma voz: Meu filho, Com imensa emoção, encontro-me nos braços de Ricardo, nele identificando meu próprio pai. (...) desprendi-me dos seus braços carinhosos e busquei a sombra a fim de chorar o remorso que meu pai, meu amigo, meu escravo e minha vítima, não poderia compreender" Percebe-se claramente que Ricardo, o seu antigo escravo, havia sido o seu próprio pai em existência anterior. Continua ele a sua mensagem: "Após tantos anos de inquietação, percebi, assombrado, que meus pés e minhas mãos estavam retorcidas. (...)"

Nessa mensagem, o nosso irmão comunicante nos fala do seu próximo reencarne e deixa perceber o defeito físico de que será portador.

Amigos, eis que nos achamos em 13 de maio de 1954. Para minha alma , a luz não tarda! A luz do renascer.

Encontramos neste depoimento, a explicação para as deformidades de nascença. Geralmente, casos que, por falta de conhecimento, são julgados como crueldade de Deus, nada mais são que conseqüências de erros do passado.

CAPÍTULO VII - O SÉCULO XIX.

O século XIX, entre outros acontecimentos, nos trouxe o Consolador prometido por Jesus. Façamos aqui um parêntese, a fim de falarmos um pouco sobre o Consolador que Jesus um dia nos prometeu. Logo após, voltaremos ao relato dos fatos. Para falar no Consolador, é bom voltar no tempo e no espaço. Voltemos à Palestina, quando Jesus, vendo aproximar-se o seu retorno para a espiritualidade, assim falou: "Se vós me amais, guardai meus mandamentos e eu

rogarei a Meu Pai e Ele vos enviará um outro Consoladora fim de que permaneça eternamente convosco.

(...) o Consolador, que é o Santo-Espírito que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo aquilo que vos tenho dito" - (João, cap. XIV, v. 15 - 17). Pouco tempo após essa promessa, Jesus volta ao Mundo Espiritual e 40 dias depois, estando Maria, Sua Mãe, no Cenáculo, em companhia dos discípulos, de repente surgem, como se fossem línguas de fogo que se distribuía pelos discípulos, que a partir daí começam a falar vários idiomas diferentes e falam também das grandezas de Deus. Lembrando as palavras de Jesus, prometendo que mandaria um Consolador, as pessoas, naquela época, (ainda hoje há quem pense assim), julgaram que aquele acontecimento, que ficou conhecido como a vinda de Pentecostes, era o Consolador que chegava. Mas hoje, não há mais razão para se pensar assim, pois, conforme disse o próprio Jesus, o Consolador teria que atender a duas condições: esclarecer tudo aquilo que naquela época, em virtude da pouca evolução espiritual, as pessoas não tinham condições de entender; lembrar tudo o que havia sido esquecido. Ao que se sabe, a vinda de Pentecostes não fez nenhum esclarecimento a respeito dos ensinamentos de Jesus. Os discípulos continuaram a pregar os evangelhos como vinham fazendo, não acrescentando nada de novo, e também, como fazia pouco tempo da volta de Jesus para a Pátria espiritual, os seus ensinamentos eram ainda muito recentes, nada havia sido esquecido. Logo, temos todas as razões para afirmar que a vinda de Pentecostes não foi a vinda do Consolador prometido por Jesus; e ao mesmo tempo, temos todas as razões para afirmar que o Espiritismo é realmente o Consolador prometido, pois ele é o único que atende às duas condições impostas por Jesus, na ocasião da Sua promessa. O Espiritismo esclarece tudo aquilo que naquela época não se tinha condições de entender e nos lembra tudo o que, no decorrer dos séculos, foi caindo no esquecimento.

Que ensinamentos foram esses, que naquela época não foram entendidos?

Reencarnação. Quando Jesus disse a Nicodemos "-em verdade, em verdade, vos digo: ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo" (João, 3: 1 a 12) as Suas palavras não foram bem entendidas. Ainda hoje, algumas pessoas acreditam que, naquela ocasião, Jesus se referia ao batismo. Mas Nicodemos compreendeu o sentido em que Jesus falou; tanto é que ele perguntou: Como pode um homem já velho voltar a entrar no ventre de sua mãe? Vê-se aí que Nicodemos entendeu que Jesus estava dizendo: Nascer de novo, mesmo, nascer outra vez. Na parábola do Filho pródigo (Lucas, 15: 11 a 32), Jesus deixa bem claro que teremos uma nova oportunidade, e essa oportunidade é a reencarnação. Também aí, a mensagem não foi entendida. A Lei de Causa e Efeito. Foram muitas as ocasiões em que Jesus se referiu à essa Lei. Ao curar o paralisado, Jesus disse: "-Homem, perdoados são os teus pecados". (Mateus, 9:1 a 8), mostrando assim que aquela paralisia era consequência de erros do passado, e que já estavam resgatados. Outra ocasião Ele disse: "Não julgueis, para que não sejais julgados; porquanto, com o juízo com que julgardes, sereis julgados"; "a medida que usardes para medir vosso irmão, dessa mesma usarão convosco"(Mateus, 7: 1 a 6); Na ocasião em que os soldados chegaram para

prender Jesus, Pedro, num gesto impulsivo, feriu um deles, cortando-lhe a orelha. Então o Mestre falou: "-Embainha a tua espada Pedro, pois todos que tomarem a espada, morrerão à espada. (João, 18: 2 a 12). As pessoas ouviam estas palavras, mas não entendiam o seu verdadeiro sentido. Naquelas ocasiões, Jesus nos ensinava que responderemos à altura por tudo o que praticarmos. "Lei de Causa e Efeito. "

Outras frases também foram ditas e as pessoas não entenderam. "Na Casa do Pai, há muitas moradas"(João: 14: 1 a 31). Aí, Jesus se referia aos vários mundos habitados. Ainda hoje, há pessoas que acreditam que só o nosso Planeta é habitado.

"Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?" (Mateus, 3: 20, 21). Com estas palavras, Jesus dizia que somos uma família universal. Somos todos irmãos, filhos de um mesmo Pai.

O Espiritismo esclarece todas estas expressões. Ele nos faz mergulhar nos ensinamentos de Jesus e extrair deles o seu verdadeiro sentido. Só o Espiritismo faz isso.

E o que caiu no esquecimento? Também a Reencarnação. Os primeiros cristãos eram reencarnacionistas. Mais tarde, principalmente após o surgimento do Catolicismo Romano, quatro séculos após a vinda de Jesus, essa crença foi ficando esquecida pela grande maioria da humanidade. Foram esquecidas também: as práticas socorristas: passe, água fluidificada, diálogo para orientar e amparar os espíritos impuros. O Espiritismo repete tudo aquilo que Jesus fazia. Nas Casas espíritas aplicam passes, fluidificam a água e nas reuniões mediúnicas, em vez do exorcismo adotado, tanto pelo catolicismo, como pelo protestantismo, os espíritas doutrinam os obsessores, conscientizando-os para buscarem em Jesus, a ajuda que necessitam para o seu crescimento espiritual. Os espíritas não tratam os espíritos obsessores pelo nome de espíritos maus. Sabem que eles são seus irmãos. Podem até terem sido seus parentes em outras encarnações. Eles os chamam de irmãos sofredores, infelizes necessitados de apoio e orientação. Não adotam o exorcismo. Primeiro, porque não foi isso o que Jesus ensinou; segundo, porque não querem simplesmente expulsar os espíritos obsessores, afastando- os para bem longe. Querem ajudá-los, orientá-los para que saiam do estado de sofrimento em que se encontram, e isso só se consegue com o diálogo, a doutrinação. Foi isso o que Jesus nos ensinou. Como exemplo temos o episódio do obsediado de Gadara quando Jesus dialogou com o espírito obsessor, perguntando-lhe: "Qual o teu nome?" Ele então lhe respondeu: "Legião é o meu nome, porque somos muitos". (Mat., 8: 28 a 34). Por tudo isso podemos afirmar, com segurança, que o Espiritismo é o Consolador prometido, pois atende perfeitamente às condições impostas por Jesus.

Fechando o parêntese, continuemos a relatar os fatos, verificando o Divino Mestre a decadência espiritual das Igrejas mercenárias, que assim agiam em Seu nome, (é do conhecimento de todos o comércio que as igrejas estavam fazendo,

naquela época, com a venda das indulgências, uma das causas da Reforma), e verificando que a humanidade já estava amadurecida o suficiente para receber o Consolador por Ele prometido, iniciam-se então os preparativos para a vinda do Consolador. Em uma das assembléias espirituais, presidida pelo divino Mestre Jesus, foi por Ele destacado um dos Seus grandes discípulos para vir à Terra organizar, compilar ensinamentos, oferecendo um método aos estudiosos, a fim de levar a todos o conhecimento dessa Doutrina Consoladora, que foi um dia por Ele anunciada e prometida. Foi com esta missão, que a 3 de outubro de 1804, na cidade de Lion, na França, reencarnou Hypollite Leon Denizard Rivail, que mais tarde se tornou mundialmente conhecido pelo nome de Allan Kardec. Segundo os planos do invisível, o grande missionário contaria com um grupo de auxiliares, uma plêiade de espíritos superiores, para coadjuvá-lo na sua obra. Veio então J. B. Roustain, Leon Denis, Gabriel Delane e Camile Flamarion. Todos estes muito cooperaram na Codificação Kardequiana, ampliando-a com os conhecimentos necessários. Constatando então que havia chegado o momento, iniciaram-se os fenômenos que atrairiam a atenção do mundo para as manifestações espíritas. Surgiram na América do Norte, na cidade de Hydesville, os fenômenos de efeitos físicos, com as irmãs Fox. Mais tarde, na França surgiram as mesas girantes, as quais, não sendo bem compreendidas, logo se transformaram em brincadeira de salão. Foi quando o nosso Kardec, na época, Hypollite Leon Denizard Rivail, tomando conhecimento desse fato, julgou a princípio que se tratava apenas de magnetismo, porém, logo a seguir, verificou que por trás daquelas mesas havia algo de muito sério, pois elas não só giravam e corriam, mas também davam respostas inteligentes. A partir daí, começaram os seus estudos, tendo como resultado a codificação da Doutrina Espírita, que, como o nome indica, não foi criada por Kardec, não é criação humana, mas é a Doutrina dos Espíritos.

A comunicação do Anjo a Maria, de que ela seria a mãe de Jesus, foi uma comunicação mediúnicamente de efeitos físicos: vidência e audiência. E assim por diante. São várias as passagens que nos mostram que as manifestações espíritas ou mediúnicas sempre existiram. Seria então o caso de se perguntar: por que a importância tão grande dos fenômenos de Hydesville e das mesas girantes? É que até aí os fenômenos espirituais eram esporádicos, não tinham uma seqüência. Consistiam apenas em revelações, o que fazia pensar que só algumas pessoas tinham condições de receber. Em Hydesville, porém, aconteceu o diálogo e a freqüência, pois eles continuaram a se repetir. As mesas girantes foram também um fenômeno que se repetiu freqüentemente. Estava assim mostrada a possibilidade do intercâmbio com o mundo espiritual, e que todos podem receber estas comunicações.

O Espiritismo foi codificado na França pelo missionário Kardec mas, à semelhança da árvore do Evangelho, inicialmente plantada na Palestina, lá não encontrou eco. O Espiritismo, na França, não foi aceito nos seus três aspectos: Filosofia, Ciência e Religião. Na França, o aspecto religioso ainda hoje não é aceito. A Doutrina Espírita, porém, não prescinde de nenhum destes aspectos, pois se algum deles lhe faltar, ela estará incompleta.

A História se repete. Na França, o Espiritismo não foi aceito nos seus três aspectos, mas o Brasil a recebeu integralmente, e hoje, com alegria, nos vemos na condição de o maior País espírita do mundo. A Humanidade necessita dessa Doutrina que lhe traz lições tão valiosas, pois só os seus ensinamentos conseguem levar o homem a alcançar a sua reforma íntima, aquela reforma que nos ensinou o apóstolo Paulo: "que faz morrer o homem velho e despertar o homem novo", que há em cada um de nós. Nessa Doutrina Consoladora, aprendemos a conhecer quem somos, de onde viemos e para onde vamos; aprendemos a amar e a perdoar; aprendemos a fazer o bem sem olhar a quem, aprendemos que fora da caridade não há salvação; e aprendemos também que devemos dar de graça o que de graça recebemos.

Mais uma vez a Bahia cumpre o seu papel histórico. Ela é o berço do Brasil, pois foi lá que Cabral aportou pela primeira vez em nossa Terra, e é também o berço do Espiritismo organizado no Brasil, pois foi lá, mais precisamente na cidade de Salvador, que foi criado por Luís Olímpio Teles de Menezes, em 1865, uma sociedade regida por estatutos, com o nome de "Grupo Familiar do Espiritismo", sendo assim o primeiro e legítimo grupo de espíritas no Brasil, e a sua finalidade era divulgar e incentivar a criação de outras sociedades semelhantes pelo resto do País. Algum tempo antes disso, em 1853, as manifestações das mesas girantes entraram no Brasil. Despontaram ao mesmo tempo no Rio de Janeiro, Ceará, Pernambuco e Bahia, mas essas atividades eram desenvolvidas em pequenos grupos familiares. As dificuldades foram muitas, mas o dinamismo e o amor de Luís Olímpio Teles de Menezes a tudo superou, e graças ao seu esforço, em julho de 1869, três meses após o desencarne de Kardec, surgiu na Bahia o primeiro periódico espírita: "O Eco d'Além Túmulo". Mais tarde, em janeiro de 1883, Augusto Elias da Silva lança o "Reformador". Essa Revista, centenária, vem sendo mantida permanentemente em circulação, até hoje. Estas e muitas outras iniciativas tomadas pelos espíritas daquela época instalaram definitivamente o Espiritismo no Brasil. Nem todos os espíritas modernos conhecem o trabalho intenso dos bandeirantes do espiritismo naquela época. Lutaram contra as trevas do mundo invisível, contra o insulto, à opinião e a descrença das pessoas, e por muitas vezes foram ridicularizados, mas sempre contando com a ajuda de Ismael e dos seus mensageiros, as dificuldades foram vencidas, e hoje vemos com alegria o Espiritismo a se estender por todo o nosso território, e também pelo mundo inteiro.

CAPÍTULO VIII - FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA.

O Brasil já contava com várias sociedades espíritas prestigiosas, mas contrariando as instruções do plano invisível, cada qual com o seu programa particular, descentralizando a ação renovadora. A Federação Espírita Brasileira, fundada em 1884, no Rio de Janeiro, por Elias da Silva, Manoel Fernandes Figueira, Pinheiro Guedes e outros companheiros de ideal espírita, aguardava, sob a proteção de Ismael, a ocasião propícia para desempenhar a sua tarefa junto aos grupos do País, no sentido de federá-los, coordenando-lhes as atividades,

sempre dentro dos princípios da Doutrina. Em mais um dos encontros de Ismael com o nosso Mestre Jesus, ouviu dEle as seguintes palavras: "Ismael, concentraremos todos os nossos esforços, a fim de que se unifiquem os meus discípulos encarnados (...) Na pátria dos meus ensinamentos, o Espiritismo será o Cristianismo revivido na sua primitiva pureza. (...) Procurarás, entre as agremiações da Doutrina, aquela que possa reunir no seio todos os agrupamentos: colocarás aí a tua célula, (...) a caridade pura deverá ser a âncora da tua obra e valerá mais que todas as ciências e as filosofias, e será com esta célula que conseguirás consolidar a tua Casa e a tua obra". (Xavier, Francisco Cândido, 1 996 p.220).

Ismael, na condição de trabalhador devotado da seara do Cristo, cumpre fielmente a sua missão, e na Federação Espírita Brasileira, assenta a sua tenda de trabalho, tendo como base o seu lema imortal: "Deus, Cristo e Caridade".

Mais tarde, Bezerra de Menezes, aquele a quem os espíritas, com justa razão, respeitam como o apóstolo e mentor na seara do Cristo, assumiu a direção da Federação Espírita Brasileira, fazendo desta Instituição o porto seguro a todos os corações. Hoje, essa Organização Federativa é o programa ideal da Doutrina Espírita no Brasil. Ela é o norte a guiar as Entidades a ela vinculadas e trabalha incansavelmente pela unificação, cuja semente foi lançada pelo próprio Jesus quando disse: "Nisto, conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros". - (João, 13: 34-35). Com estas palavras, o Mestre nos alertava para a necessidade da união, pois só assim seremos fortes.

Mais tarde, Kardec ouviu do Espírito de Verdade: "Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo" (O Espírito de Verdade - Evangelho Segundo o Espiritismo").

Algum tempo depois, é o nosso apóstolo e mentor Bezerra de Menezes quem nos ensina: "Solidários seremos união. Separados uns dos outros, seremos pontos de vista".

O objetivo da Unificação é fortalecer e facilitar o Movimento Espírita, que é o conjunto das atividades que tem por objetivo levar a Doutrina Espírita a toda a Humanidade, através do seu estudo, da sua prática e da sua divulgação, sempre com base na codificação Kardequiana, e trará como resultado a aproximação dos Espíritas e das Casas Espíritas, proporcionando o progresso das Instituições. A Instituição Espírita que se torna adesa à Federativa Estadual passa a fazer parte do Movimento Estadual Espírita, enriquecendo-se através da troca de experiências, nunca, porém, sendo pressionada no seu modo de agir e também vendo sempre respeitadas a sua liberdade e responsabilidade.

No dia 5 de outubro de 1949, por ocasião da Grande Conferência Espírita no Rio de Janeiro, com a participação de vários dirigentes de Instituições Espíritas, foi firmado um acordo, que passou a ser chamado "PACTO ÁUREO", em virtude da sua importância para o Movimento Espírita.

Com esse acordo, o antigo Conselho Federativo da FEB, que federava diretamente os Centros Espíritas de todo o País, foi substituído pelo Conselho Federativo Nacional - CFN, integrado pelas Federações e Uniões representativas dos Movimentos Espíritas estaduais e do Distrito Federal, ficando determinado que o CFN será presidido pelo Presidente da FEB.

Após a assinatura do Pacto Áureo, foi criada a "Caravana da Fraternidade", com a finalidade de levar aos Movimentos Espíritas dos Estados do Norte e Nordeste do País o conhecimento da criação do Conselho Federativo Nacional, convidando-os a participarem do novo órgão. Essa iniciativa foi coroada de pleno êxito. Atualmente, todos os Estados brasileiros têm sua representação espírita no CFN, cujo objetivo é promover a união dos espíritas e a unificação do Movimento Espírita.

CAPÍTULO IX - CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Diante do exposto, a que conclusão chegamos? Somos o Coração do Mundo, Pátria do Evangelho? Ou não somos? É verdade que aqui se encontram pessoas de todas as raças, de todas as nações, de todas as religiões, e, aqui, todos convivem num clima de fraternidade. Aqui, não temos conflitos religiosos. Mesmo sendo o Brasil o maior país espírita do mundo; o maior país católico do mundo; e se ainda não somos o maior país protestante do mundo, estamos perto de ser, e todas essas religiões convivem sem agressões, sem ataques. Sabemos conviver como irmãos, mesmo tendo crenças diferentes. Pensando no mapa da América do Sul, nos vem logo à memória uma colcha de retalhos, tão numerosa é a sua divisão em pequenas áreas. Só o Brasil se conservou o gigante que sempre foi. Mas, se nos conservamos esse gigante, foi porque contamos com o apoio e a ajuda constantes da equipe espiritual. Para cá vieram os invasores, tais como os franceses e holandeses, que embora fortemente armados, foram vencidos pelos colonizadores, auxiliados por nós, os brasileiros, que tínhamos muito menos condições. Sem nenhuma sombra de dúvida, contamos para isso com a ajuda dos irmãos espirituais. Sem eles não teríamos conseguido conservar a nossa integridade territorial. Nesse País tão grande, se fala um só idioma. Se ainda temos diferenças, se ainda não temos um só pensamento, mesmo assim, não temos conflitos raciais e conflitos internos de grandes proporções. Os nossos problemas internos se resolvem pacificamente. Somos um País que já nasceu rezando. Para que estivéssemos sempre nos voltando para Deus, foi que, por orientação dos nossos irmãos espirituais, logo após o descobrimento, tivemos uma missa nas caravelas. Dias depois, tivemos outra já em terra firme, e isso fez com que o nosso povo traga sempre Deus presente em todos os pensamentos.

Somos a Pátria do Evangelho? Que é Pátria do Evangelho? Para aqueles que vivem só do imediato, apegados só às coisas materiais, Pátria do Evangelho seria aquela onde facilmente o seu povo enriquecesse e vivesse de prazeres e conforto material. Nesse caso, não seríamos nós e estaríamos bem longe de ser. A Pátria do Evangelho, com certeza, seria uma das nações do Primeiro Mundo.

Mas, foi aqui que Jesus transplantou a árvore do Seu Evangelho. Será que isso é suficiente ? Não. Isso não é suficiente... A escolha de Jesus para, numa nova tentativa, nos entregar a tarefa de semeadores do Seu Evangelho, significa que um planejamento foi feito para nós. A espiritualidade nos ofereceu todas as condições necessárias para o cumprimento dessa missão. Ela fez e continua fazendo a sua parte, mas será que estamos fazendo a nossa? O Brasil será o que nós fizemos dele. Isso quer dizer que esta missão que nos foi confiada poderá ter ou não ter sucesso. O palco está armado, mas os atores somos nós. O projeto é grandioso, a oportunidade é valiosa, mas depende de nós. É importante observar que, mesmo tendo sido escolhidos por Jesus, para viver, aprender e espalhar o Seu Evangelho, além da generosidade e boa vontade de seu povo, encontramos também, no Brasil, egoísmo, ódio, violência, o que indica que ainda não somos um povo evangelizado. Então o Brasil ainda não é a Pátria do Evangelho. Ainda não conseguimos superar a mágoa pela injustiça e o ódio pelas humilhações sofridas que trazemos em nossas raízes. Em compensação, temos também a resignação e a boa vontade do coração puro o que nos torna um povo pacato, sensível, resignado e sempre pronto a ajudar, fruto da miscigenação de que fomos formados; e temos também o essencial: a fé e a confiança em Deus. Isso poderá nos levar a incorporar, nos atos diários, aquilo que dizemos acreditar. Quando assim fizermos, estaremos nos olhando a todos como irmãos, filhos de um mesmo Pai. Isso é vivenciar o Evangelho. Esta é a lição que nos compete levar ao mundo. É aprendendo e vivendo esta lição que levaremos, aos nossos irmãos de todo o Universo, o grande ensinamento de Jesus: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei". Esta é a nossa missão . Ainda não somos um povo evangelizado, mas já conseguimos dar os primeiros passos. É gratificante observar como as religiões, embora se digam pensar diferente umas das outras, agem de forma idêntica. As campanhas em busca da Paz; o combate às drogas; o incentivo à vida, na luta contra o suicídio, o aborto, a eutanásia, pena de morte e outras, revelam que, mesmo sem perceber, a humanidade caminha para um mesmo ponto. Isso indica que a semente do evangelho está florescendo. Não é à-toa que temos tantas religiões nesse país. Seria difícil para uma só religião atingir em pouco tempo duzentos milhões de habitantes. Tudo isso faz parte dos planos divinos. Um dia, veremos na prática a realização daquelas palavras do nosso Mestre: "Haverá um só rebanho e um só Pastor". Fomos escolhidos por Jesus para sermos a pátria do evangelho, mas não somos a única nação escolhida para uma nobre tarefa. Deus é Pai de todos, e a cada um é reservada uma missão. Fazemos parte de um concerto, onde cada nação é uma nota na Sinfonia Divina.

Emmanuel, mentor espiritual de Francisco Cândido Xavier, prefaciando a obra em estudo, "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", diz: " se a Grécia e a Roma da antigüidade tiveram a sua hora, como elementos primordiais das origens de toda a civilização do ocidente: se o império português e o espanhol se alastraram quase por todo o planeta; se a França e a Inglaterra têm tido a sua hora proeminente nos tempos que assinalaram as etapas evolutivas do mundo, o Brasil terá também o seu grande momento no relógio que marca os dias da evolução da humanidade".

As outras nações também têm as suas missões. Quais? O que compete a cada uma delas? Se ainda não nos conscientizamos realmente da nossa, por que nos preocupamos com a que cabe aos outros? Sigamos em frente, confiando em Deus, em nosso Mestre Jesus, em nosso protetor Ismael, e façamos a nossa parte que, com toda a certeza, um dia faremos da nossa Terra o CORAÇÃO DO MUNDO, A PÁTRIA DO EVANGELHO.

BIBLIOGRAFIA.

OBRA REFERÊNCIA:

Xavier, Francisco Cândido, "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho" Espírito Humberto de Campos 22 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996,

OBRAS CONSULTADAS:

- BERNI, Duílio L. "Brasil, Mais Além." 5. ed. Rio de Janeiro: FEB 1994;
- BEAZLEY, Raymond. "O Infante D. Henrique e o Início dos Descobrimentos Modernos." Traduzido por Álvaro Dória. Porto: Livraria Civilização. 1945. p. 1 35. Tradução de "Prince Henry the Navigator the Hero of Portugal and of modern discovery";
- Kardec, Allan. "O Evangelho segundo o Espiritismo". 151 ed Tradução por Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro FEB. 1992. Tradução de "L'Évangile Selon Le Spiritisme";
- Kardec, Allan. "O Livro dos Espíritos" 59. ed. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB. 1984. Tradução de "Le Livre des Espirits";
- Xavier, Francisco Cândido. "Ilustrações Psicofônicas". 3. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. sld. org. Arnaldo Rocha.

Célia, agosto de 2001
Fone: (0xx83) 226.4726
E-mail: celiaurquiza@openline.com.br